A Produção Visual de Comunidades Anônimas: Black Blocs e Anonymous[1]

Eduardo Yuji YAMAMOTO[2]
Guilherme de Freitas Vilas Boas GOMES[3]
Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR

Resumo

O objetivo deste texto é analisar as imagens produzidas por dois grupos de ativistas brasileiros (*Black Blocs* São Paulo e *Anonymous* Brasil) em suas páginas do *Facebook* tendo como delineador a ideia de anonimato enquanto figura política. Por essa ideia compreende-se uma discursividade genérica e antigovernista capaz de produzir indignação em sujeitos individuais ou coletivos. A coleta de imagens, a constituição do *corpus* da pesquisa, bem como a formulação de categorias de análise e interpretação são provenientes da análise de conteúdo. Ao final, o texto especula sobre a reputação dos dois grupos a partir da observação de suas respectivas produções visuais.

Palavras-chave: Rede Social Digital; Ciberativismo; Análise de Conteúdo; Estudo Comparativo

Introdução

> En la revuelta, algo levanta al individuo en defensa de una dignidad común a todos los hombres. Ésta es la fuerza anónima del rechazo
> - Marina Garcés

Em primeiro de janeiro de 1994, uma imagem circulou no mundo todo dando notoriedade a um modo de ação política caracterizado pelo anonimato de seus agentes. A imagem era do rosto encoberto do porta-voz do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), subcomandante Marcos. Embora não seja algo novo o anonimato nas apresentações políticas dos espaços públicos, o EZLN, um grupo mexicano de indígenas militarizados, trazia, em sua forma de combate, alguns traços das atuais manifestações políticas na *web*.

> [...] por ocasião do grande comício do EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional), após a chegada da marcha Zapatista à capital do México, perguntaram ao subcomandante Marcos, em uma entrevista, qual seria o seu rosto. Ele respondeu que para conhecer o seu rosto

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Docente e pesquisador do Curso de Comunicação Social – hab. Publicidade e Propaganda do DECS - Unicentro, email: yujieduardo@gmail.com
[3] Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social – hab. Publicidade e Propaganda do DECS -Unicentro, email: guilherme.freitas.gomes@gmail.com

> bastava às pessoas se olharem no espelho. Perguntado, também, por que não estava no palanque do comício, Marcos respondeu que ele era apenas um subcomandante da EZLN e não um líder (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 261-262).

Grupos como os *Black Blocs* e os *Anonymous* trazem como características comuns não apenas o anonimato, mas uma forma de organização baseada na ausência de líderes, característica decorrente da recusa por parte desses agentes em participarem do jogo do poder, mas também pela própria estrutura horizontalizada da *web*. Para o sociólogo Manuel Castells (2013, p. 131): "[...] trata-se de movimentos sem liderança, não pela falta de líderes em potencial, mas pela profunda e espontânea desconfiança da maioria dos participantes do movimento em relação a qualquer forma de delegação de poder".

Comunidade de anônimos na *web* como os *Black Blocs* e os *Anonymous* destacam-se por suas ações impessoais antigovernistas, isto, é, voltadas para reivindicações coletivas da totalidade dos grupos sociais que são afetados negativamente pela gestão governamental. Por exemplo, ao participarem de protestos por melhoria na educação ou no transporte público (reivindicação coletiva), os *Black Blocs* (que, a princípio, pode ser qualquer manifestante) não o fazem porque isso lhes interessa direta e particularmente – a reforma no sistema público de transporte não está em sua pauta como estaria em movimentos como o MPL (Movimento Passe Livre) –, mas porque a precariedade desse serviço é decorrente do lucro de algumas empresas à custa do trabalhador. Da mesma forma, os *Anonymous*, ao *hackearem* uma página do governo ou de grandes organizações políticas e econômicas, ao vazarem documentos e contratos confidenciais, não o fazem porque são de um partido oposicionista ou em benefício próprio, mas para dar visibilidade a acordos escusos que ofendem o patrimônio público ou os interesses da população, cobrando os princípios de democracia e transparência que devem existir na administração pública e nas decisões que afetam muitas pessoas em benefício de poucas.

O problema que se propõe aqui refletir refere-se ao significado político do anonimato presente em suas ações. O rosto coberto ou o uso de máscaras, por exemplo, não tem apenas a função de proteger os manifestantes de possíveis agressões policiais –, por exemplo, em situações como os protestos de rua, em que se tornou frequente o uso de gás pimenta e bombas de gás lacrimogêneo – ou da violência de cidadãos comuns que os percebem (talvez pelos enquadramentos dos *media* noticiosos) como baderneiros, vândalos ou criminosos, mas de comunicar que a ação impessoal antigovernista praticada por eles coincide com a luta de todos os outros grupos para a melhoria estrutural da

sociedade (e não somente de uma parte dela). Em outras palavras, a ação dos *Black Blocs* e dos *Anonymous* é transversal em relação aos demais grupos que buscam democratizar as benesses sociais, e o anonimato é a representação da totalidade dos sujeitos insatisfeitos com o sistema social vigente.

Fundamentação Teórica

É a partir do significado do anonimato enunciado por esses dois grupos que o presente texto irá formular seu objeto: se essa impessoalidade ou transversalidade reivindicatória existe, pretende-se, então, apresentar a sua materialidade, organizá-la e analisá-la à luz das condições históricas vigentes.

Nesse sentido, um passo fundamental para considerar esses grupos como enunciadores da política contemporânea é verificar as condições socio-técnicas sobre as quais esses constroem suas narrativas. Castells oferece um panorama:

> Em termos de gênese, esses movimentos são amplamente espontâneos em sua origem, geralmente desencadeados por uma centelha de indignação, seja relacionada a um evento especifico, seja a um acesso de aversão pelas ações dos governantes. Em todos os casos, têm origem num apelo a ação proveniente do espaço dos fluxos, que visa a criar uma comunidade instantânea de prática insurgente no espaço dos lugares. A fonte do apelo é menos relevante que o impacto da mensagem sobre receptores múltiplos e inespecíficos, cujas emoções se conectam a sua forma e a seu conteúdo. O poder das imagens é soberano (CASTELLS, 2013, p. 130-131).

Tem-se aqui, portanto, elementos importantes que fundamentam o contexto político atual. Conforme observou Castells, o desenvolvimento e a expansão de redes técnicas informacionais pelo globo tem permitido que a ação política reivindicatória possa desenvolver-se também em espaços fluidos e imateriais como a *web* e, dentre outros recursos, através da circulação de imagens efêmeras (próprias para viralizações) que buscam motivar uma multiplicidade de revoltas.

Nesse sentido, a produção de imagens dos *Black Blocs* e dos *Anonymous* no ciberespaço corresponde a esses delineadores contextuais da ação política contemporânea expressos por Castells. A proveniência de suas ações em "espaços fluxos" como a *web* e a promoção de "comunidades instantâneas" e "insurgentes" contra o governo indicam não apenas a transversalidade anteriormente observada, mas a especificidade política de ambos os grupos.

Como se verá a seguir, as imagens produzidas por esses dois grupos utilizam a figura do anônimo tanto para designarem uma ofensa sofrida por muitos, quanto para reivindicar uma ação política contrária. Stencil, pichações, fotografias e vídeos dos protestos de rua são algumas das manifestações visuais desses grupos que utilizam as redes sociais digitais (no caso, o *Facebook*) tanto para denunciar violências arbitrárias por parte do Estado quanto para reivindicar justiça social e condições básicas de existência.

> Os movimentos são virais, seguindo a lógica das redes da internet. Isso se dá não apenas pelo caráter viral da difusão das mensagens em si, particularmente das imagens de mobilização, mas em função do efeito demonstração de movimentos que brotam por toda parte. Temos observado essa capacidade viral de um país para outro, de uma cidade para outra, de uma instituição para outra. Ver e ouvir protestos em algum outro lugar, mesmo que em contextos distantes e culturas diferentes, inspira a mobilização, porque desencadeia a esperança da possibilidade de mudança (CASTELLS, 2013, p. 131).

Para o pesquisador canadense Francis Dupuis-Déri (2014), *Black Bloc* é o nome que se dá a uma tática que consiste em estar unido em um protesto, vestir-se de preto e esconder o rosto para se proteger tanto dos efeitos das armas policiais (bomba, gás etc.) quanto do monitoramento e vigilância. Nos últimos anos, ela tem sido utilizada em manifestações anarquistas ou anti-capitalistas em diversos países. O autor explica que a união e a organização dos membros são maneiras fundamentais para combater as autoridades que tentam suprimir uma manifestação, assim como o posicionamento deles na linha de frente dos protestos visando proteger os outros manifestantes que não necessariamente são adeptos da tática, mas estão exercendo seu direito de manifestação.

Essa tática surgiu na Europa na década de 1980, mais especificamente na Alemanha, tendo o objetivo de proteger os movimentos de ocupação do ataque policial e de grupos de extrema-direita. Segundo Dupuis-Déri (2014), na década de 1990, os *Black Blocs* ganharam reconhecimento mundial em diversos protestos, nos Estados Unidos, contra o Pentágono e contra a Guerra do Golfo.

Além da caracterização visual – o rosto encoberto e a roupa inteiramente preta, elementos da tradição *anarcopunk* e de suas raízes históricas nos *Autonomen*, o movimento "autonomista" em Berlin Ocidental (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 40) –, os *Black Blocs* distinguem-se de outros coletivos por sua organização contingente e instantânea, já que são dotados de uma estrutura organizacional sem hierarquia, líderes ou formalidades

> [...] os Black Blocs atuam segundo princípios ligados à tradição política anarquista, como liberdade e igualdade. Esses princípios assumem a forma de procedimentos e práticas como assembleias gerais e estruturas horizontais sem hierarquia. Esse método resolve não apenas questões políticas, mas também questões morais. E pode ser muito eficaz durante a ação, possibilitando, em princípio, transformar uma multidão irracional em um ator político racional, consciente das suas ações e do significado de seus atos (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 64-65).

A primeira a ação registrada dos *Black Blocs* no Brasil foi durante a Ação Global dos Povos [4] em 27 de setembro de 2000 (GLOBO, 2013). Mais recentemente, em 2013, eles participaram das manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus (com maior intensidade na cidade de São Paulo) e, em 2014, contra a realização da Copa do Mundo no Brasil. Sobretudo nesses dois últimos eventos, o *Facebook* foi utilizado como uma forma importante de comunicação para o grupo e para os demais movimentos.

Os *Anonymous*, assim como os *Black Blocs*, também tiveram participação ativa (via comunicação digital) nesses dois eventos. Há alguns traços em comum entre eles como o fato de esconderem o rosto, conforme indicamos, além de promoverem ações coordenadas na *web* e de possuírem uma estrutura organizacional descentralizada e aberta.

Originados por volta do ano de 2003, os *Anonymous* são conhecidos pelo trabalho hackerativista colaborativo. No mundo todo, ficaram famosos por roubarem informações sigilosas e liberarem ao público. Em relação a outros grupos, ele possui muitas particularidades como o fato de organizarem-se de maneira supranacional, concentrarem suas ações no mundo digital e reivindicarem a liberdade nesse território (liberdade de expressão, liberdade de uso dos dados, liberdade de navegação etc.).

Segundo E. Gabriella Coleman, qualquer pessoa que tenha cometido um ato e se identificado como um *Anonymous* passa a ser um *Anonymous* já que não existe centralização ou qualquer tipo de hierarquia no grupo que possa excluir uma ou outra pessoa. Isso, de certa maneira, tem dificultado estudos sistemáticos sobre suas ações.

> Essa dificuldade se origina do fato de que Anonymous é, como o nome sugere, envolto em um certo grau de mistério deliberado. Eles se propõem a não terem líderes, não terem uma estrutura hierárquica, nem qualquer epicentro geográfico. Enquanto há formas de organização e

[4] Também conhecido pela sigla AGP, a Ação Global dos Povos é um movimento social contra o capitalismo e suas formas de degradação humana e ambiental, com forte presença na internet.

> lógica cultural que inegavelmente forma suas múltiplas expressões, Anonymous é um nome que qualquer indivíduo ou grupo pode usar como seu próprio. Nessa capacidade, Anonymous funciona como o que Marco Deseriis define como um nome impróprio: 'A adoção do mesmo pseudônimo por coletivos organizados, grupos de afinidade, e autores individuais' (COLEMAN, 2011, s/d). [5]

Embora esse caráter "impróprio" de que fala Coleman há tempos tem acompanhado o grupo desde a defesa pela liberdade na rede, a máscara de Guy Fawkes (que funciona como um signo de identificação do grupo) veio somente em 2008 após o lançamento do filme "V de Vingança", inspirada na *graphic novel* de Alan Moore, e que incentivava a multidão a ações impessoais contra o governo, ou seja, ações que ultrapassavam a sua substancialização em ideologias ou bandeiras político-partidárias [6].

No Brasil, os Anonymous tiveram atuação importante na divulgação de dados sigilosos de grandes empresas e organizações. A mais recente foi o hackeamento e a publicização de dados da empresa brasileira JBS – maior produtora de proteína animal do mundo –, empresa hoje investigada por suspeita de corrupção.

Em geral, tanto os *Anonymous* quanto os *Black Blocs* são vistos de maneira negativa pela opinião pública brasileira. Os primeiros por invadirem a privacidade e divulgarem informações confidenciais. Os segundos como responsáveis pela agressão de equipamentos públicos – fato muitas vezes rechaçados por eles já que esses danos são resultado do confronto com a polícia e não diretamente da ação objetiva do grupo –, ou pela forma como alguns deles protestam, danificando a fachada de bancos e empresas multinacionais como forma de manifestarem-se contra o sistema capitalista.

Neste texto abordaremos apenas o significado da figuração política do anonimato que se apresenta na produção visual de ambos os grupos em suas respectivas páginas do *Facebook*. O anonimato, enquanto figuração política, é entendida aqui como manifestação genérica capaz de produzir múltiplas implicações. Essa manifestação, geralmente, dá-se pela percepção de um bem comum tornado visível ora pela sua

[5] Original: "This difficulty follows from the fact that Anonymous is, like its name suggests, shrouded in some degree of deliberate mystery. It purports to have no leaders, no hierarchical structure, nor any geographical epicenter. While there are forms of organization and cultural logics that undeniably shape its multiple expressions, it is a name that any individual or group can take on as their own. In this capacity, Anonymous functions as what Marco Deseriis defines as an improper name: "The adoption of the same alias by organized collectives, affinity groups, and individual authors".

[6] A *graphic novel* conta a história de um personagem de identidade anônima que atende pelo nome de V. O cenário é uma Inglaterra fictícia que está sob um governo autoritário. O protagonista comete diversos atos com o intuito de derrubar esse governo. Para esconder a sua identidade, ele usa uma máscara semelhante àquela utilizada pelos *Anonymous* em suas aparições públicas na *web*.

expropriação (algo que, até então, não se percebia como comum a exemplo do DNA antes de sua descoberta) ora, como defende Jacques Rancière, pela comunhão de formas/dados sensíveis (por exemplo, a indignação coletiva diante de uma imagem de sofrimento).

> Aquilo que chamamos de imagem é um elemento num dispositivo que cria certo senso de realidade, certo senso comum. Um 'senso comum' é, acima de tudo, uma comunidade de dados sensíveis: coisas cuja visibilidade considera-se partilhável por todos, modos de percepção dessas coisas e significados também partilháveis que lhes são conferidos (RANCIÈRE, 2012, p. 99).

Segundo Marina Garcés (2011, s/p), importantes rupturas sociais são precedidas de uma figuração anônima. O anonimato (o impessoal), enquanto disposição comum dos sujeitos (seja individual ou coletivo), guarda a potência originária que será efetuada posteriormente de maneira diferenciada ou "pessoalizada". "O rechaço, a afirmação da ruptura é, portanto, o descobrimento de que a força do comum é anônima e de que sua palavra é infinita. Esta palavra não pode possuir a si mesma. Está em permanente ruína[7]."

No caso de uma grande revolta contra o governo, é como se a indignação ou o rechaço ao poder instituído, que se substancializa em um grupo ou movimento (dando-lhe uma "pessoalidade"), fosse precedida por uma vocalização múltipla e indiferenciada. À medida em que essas vocalizações se consubstanciam em identidades, elas perdem o seu caráter de anonimato e a sua potência instituinte; ganham um rosto e, dessa maneira, um nome, uma sigla, um líder etc.

Metodologia

É nesse sentido que se pretende analisar as imagens elaboradas por esses dois grupos, ou seja, a representação dessa potência originária comum implícita na figuração do anonimato. No período entre junho de 2013 a dezembro de 2016, foram coletados um total de 137 imagens nas páginas do *Black Blocs* São Paulo e dos *Anonymous* Brasil. A distribuição dessa totalidade foi a seguinte: 95 imagens do *Black Blocs* São Paulo e 42 imagens do *Anonymous* Brasil. Embora esses dois grupos possuam páginas nacionais e locais, optou-se pelas mais acessadas.

[7] Original: "El rechazo, la afirmación de la ruptura es, por tanto, el descubrimiento de que la fuerza de lo común es anónima y de que su palabra es infinita. Esta palabra no puede poseerse a sí misma. Está en ruina permanente".

Após uma análise prévia desse material, constituiu-se um *corpus* de pesquisa conforme segue: 27 imagens dos *Black Blocs* São Paulo e 14 imagens dos *Anonymous* Brasil. A diferença entre o número de imagens selecionadas nos dois grupos deve-se à elaboração diferencial de agrupamentos a partir da elaboração de categorias de análise. Essa deliberação é fruto do parâmetro metodológico utilizado, a análise de conteúdo de Roque Moraes (1999), que prevê 5 etapas fundamentais: 1) Constituição do *corpus* da pesquisa; 2) Transformação do conteúdo do *corpus* em unidade de análise; 3) Transformação dessa unidade em categorias; 4) Descrição do material coletado; 5) Interpretação.

Assim, nas etapas 2 e 3, após análise exaustiva das 137 imagens, optou-se por organizá-las, em cada grupo, a partir de temas predominantes. A ideia era de que esses temas funcionassem como "unidades de significados" (MORAES, 1999, s/p) e, posteriormente, como categorias de análises, já que a passagem de uma etapa a outra pressupõe o agrupamento de "dados considerando a parte comum existente entre eles" (MORAES, 1999, s/p). Na categorização, diz o autor, os dados devem ser organizados "por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo. Estes critérios podem ser semânticos, originando categorias temáticas" (MORAES, 1999, s/p).

As categorias definidas no processo de construção do *corpus* da pesquisa foram as seguintes:

Sobre os *Black Blocs* São Paulo:

a) Anonimato:

Fig.1 (14/06/16)

Fig. 2 (06/09/16)

Fig. 3 (07/09/16)

Fig. 4 (15/01/16)

Fig.5 (15/06/15)

Fig. 6 (19/12/14)

Fig. 7 (22/01/15)

Fig. 8 (26/11/13)

b) Mediatização:

Fig. 9 (21/12/14)

Fig. 10 (17/02/15)

Fig. 11 (01/12/13)

Fig. 12 (24/01/16)

c) Contra a militarização ou a polícia militar:

Fig. 13 (06/04/15)

Fig. 14 (12/06/15)

Fig. 15 (11/12/13)

Fig. 16 (23/11/13)

Fig. 17 (25/12/14)

Fig. 18 (23/12/14)

Fig. 19 (13/01/15)

Fig. 20 (01/09/16)

d) Contra o anti-petismo:

Fig. 21 (06/05/16)

Fig. 22 (10/12/15)

Fig. 23 (11/05/16)

Fig. 24 (12/04/16)

Fig. 25 (14/01/16)

Fig. 26 (25/12/14)

Fig. 27 (28/03/16)

Sobre os *Anonymous* Brasil

a) Anonimato

Fig. 28 (03/09/16)

Fig. 29 (14/04/16)

Fig. 30 (10/12/13)

Fig. 31 (23/06/16)

Fig. 32 (27/11/15)

b) Mediatização:

Fig. 33 (02/02/2014)

Fig. 34 (11/05/16)

Fig. 35 (22/04/14)

Fig. 36 (29/05/14)

Fig. 37 (23/05/14)

c) Guy Fawkes

Fig. 38 (01/09/15)

Fig. 39 (11/09/13)

Fig. 40 (17/12/15)

Fig. 41 (18/06/14)

No grupo *Black Blocs* São Paulo, além das categorias apresentadas acima, observou-se também a presença de outras categorias transversais como a convocação dos seguidores do grupo aos protestos de ruas. Igualmente, no grupo *Anonymous* Brasil, verificou-se diversas postagens que criticavam o governo, o sistema capitalista, o sistema político brasileiro bem como políticos brasileiros suspeitos de corrupção [8].

Duas categorias chamaram atenção por estarem presente nos dois grupos, quais sejam: a mediatização e o anonimato. Sobre a primeira – definida, conceitualmente, como um "funcionamento articulado das tradicionais instituições sociais com a mídia [...] uma mutação sociocultural centrada no funcionamento atual das tecnologias da comunicação" (SODRÈ, 2007, p. 17) – convém observar a influência tanto da cultura de massa (Peter Pan, Simpson, Batman & Robin) quanto de grandes veículos de comunicação (que publicizaram os megaeventos esportivos no Brasil) enquanto vetores importantes dos agendamentos dos grupos. A montagem realizada com personagens presentes no imaginário popular mediatizado funciona como contexto enunciativo que permite a compreensão de um enunciado lacunar. Essa intertextualidade é fundamental não apenas para o processo de viralização da imagem, mas para o entendimento do enunciado com o mínimo de informação (verbal e visual). Na figura 9, por exemplo, em que aparece a Fada Sininho vestida de *black bloc* derrubando uma lixeira e a mensagem "...imagine o Capitão Gancho", o efeito de sentido produzido pela intertextualidade desse imaginário mediatizado inverte os papeis de bem e mal. Se a Sininho, que é do bem, está vestida de *Black Bloc*, então quem está do outro lado (aqueles que são contra os *Black Blocs*) estão com o Capitão Gancho. Casos semelhantes a esse podem ser verificados nas figuras 10, 11 e 12. Já o caso dos *Anonymous* Brasil, das figuras 33 a 37, as logomarcas das

[8] No ano de 2017, os então presidentes da Câmara e do Senado, Rodrigo Maia e Eunício Oliveira, tiveram seus *websites* hackeados pelos *Anonymous* Brasil, após investigações sugerirem que ambos eram suspeitos de corrupção. Uma postagem em sua página no Facebook confirmava a autoria da ação.

Olimpíadas e da Copa do Mundo, ambas realizadas no Brasil, são evidenciadas mas para indicar as contradições dos megaeventos esportivos com a precariedade social brasileira.

Mas é categoria anonimato que dá singularidade a ambos os grupos. Das figuras 1 a 8, e das figuras 28 a 32, a composição das imagens são realizadas intencionalmente a fim de produzir no enunciatário um tipo de pertencimento. Nas figuras 1, 2, 3, 4 e 6, os personagens aparecem de frente, com o rosto encoberto, possibilitando um mínimo de visibilidade: sabe-se que as personagens 1, 3 e 4 são mulheres, no entanto, o êxito dessas imagens é permitir que essa visibilidade mínima crie uma zona de atração já que qualquer um pode se identificar com eles (sejam mulheres ou homens). Aqui qualquer rosto pode se projetar ali já que não há traços identitários que delimite um dentro ou um fora do grupo.

Nas figuras 5, 7 e 8, em que os personagens estão de costas (e, igualmente, não se produz exclusões), trabalha-se com a estratégia fotográfica de projetar o enunciatário do lado dos *Black Blocs*, ou seja, o fotógrafo que está junto aos *Black Blocs*, andando na mesma direção que o grupo não poderia tirar uma foto de frente deles, apenas de suas costas. A única imagem frontal nessa disposição seria daqueles que vêm contra o grupo (a polícia, por exemplo).

Esse mesmo efeito de sentido pode ser observado nas figuras 28, 29, 30, 31 e 32. A produção de um rosto, segundo Gilles Deleuze e Felix Guattari (1999, p. 43), sobretudo o "rosto do europeu típico" (rostidade), é descrita como articulação de dois eixos: o "muro branco" (o eixo da significância, que satura semanticamente tudo o que nele se inscreve) e o "buraco negro" (o eixo da subjetivação, que atrai as diferenças ao muro branco). Mas nessas figuras, o mecanismo é inverso, pois aqui (figuras 28, 29, 30, 31 e 32) não há um muro branco (capaz de controlar e saturar o processo de subjetivação), há apenas o buraco negro.

Das figuras 38 a 41, a rostidade encontra em Guy Fawkes (e não em Cristo ou no europeu típico, como descrevem Deleuze e Guattari) sua matriz se significação. Da condição de anônimo, aqueles que se inscrevem no rosto Guy Fawkes têm a suas potências dirimidas a uma narrativa mínima (aquela da *grafic novel*).

Em comparação com os *Anonymous* Brasil, houve uma produção de imagens mais intensa no *Black Blocs* São Paulo. Nesse grupo, além das categorias mencionadas, verificou-se a presença de outras categorias que talvez expliquem a reputação negativa dos *Black Blocs* na opinião pública brasileira, quais sejam, contra a militarização ou a

polícia militar; e contra o antipetismo. Nessas duas categorias, a ideia de uma ação genérica capaz de produzir múltiplas implicações começa a ruir, pois, se por um lado, a necessidade de uma polícia militarizada é ainda um assunto polêmico para muitos, por outro lado, as imagens partidárias (figuras 21 a 27) desfaz por completo sua potência impessoal instituinte em prol de uma personificação anti-anti-petista.

Conclusão

Neste breve texto buscou-se refletir sobre a ideia de anonimato enquanto figura política capaz de promover a indignação em sujeitos individuais ou coletivos. Ao organizar as imagens produzidas pelos *Black Blocs* São Paulo e *Anonymous* Brasil, a fim de verificar a materialidade dessa figura, identificou-se uma semântica comum que a torna plausível; essa atravessa algumas categorizações constituídas em ambos os grupos.

Se em algumas ocasiões o anonimato enquanto figura política se apresenta nos *Black Blocs* São Paulo e *Anonymous* Brasil, em outras situações, especialmente para o primeiro, ela entra em contradição. Ao reivindicarem um anti-militarismo e um anti-anti-petismo, os *Black Blocs* São Paulo arrefecem sua potência de implicação.

> Estas são manifestações brutas da indignação de quem se sente lesado e esquecido e calcula a partir do dano necessário a fazer para ser visto. Mas a política não é apenas exposição da indignação, embora isso também lhe seja próprio. Ela é, no seu sentido mais profundo, conquista da opinião pública, produção de aglutinações através da emergência de um sujeito dotado de imaginação política capaz de implicar qualquer um (SAFATLE, 2016, p. 21-22).

É orientado por essa importante capacidade de implicação que Vladimir Safatle (2016) credita a emergência de novos sujeitos políticos. Mesmo que timidamente, os grupos analisados acenam para algo como um povir político através da figura do anônimo. A possibilidade de efetivar-se para além de uma mera pretensão dependerá de uma criatividade que ultrapasse essas imagens mediatizadas, mas, fundamentalmente, as pautas que tem orientado a (pequena) política dos partidos.

Referências

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COLEMAN, E. Gabriella. Anonymous: From the Lulz to Collective Action. **The New Everyday**, 06 abr. 2011. Disponível em: http://mediacommons.futureofthebook.org/tne/pieces/anonymous-lulz-collective-action. Acesso em 12 jul. 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. vol. 03. Trad. Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

DUPUIS-DÉRI, Francis. **Black Blocs**. São Paulo: Veneta, 2014.

GARCÉS, Marina. La fuerza anonima del rechazo, prólogo da versão espanhola de "Escritos políticos", de Maurice Blanchot, 2010. Disponível em: http://www.rebelion.org/noticia.php?id=121613. Acesso em: 13 jul. 2017.

GLOBO. Seattle, 1999: black blocs promovem destruição em protestos contra a OMC. **O Globo**. 09 de out., 2013. Disponível em: http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/seattle-1999-black-blocs-promovem-destruicao-em-protestos-contra-omc-10310652#ixzz4me30xml5stest. Acesso em 12 jul. 2017.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em 10 fev. 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SAFATLE, Vladimir. **Quando as ruas queimam**: manifesto pela emergência. São Paulo: N-1 edições, 2016.

SODRÉ, Muniz. Sobre a epistème comunicacional. **Revista Matrizes**, São Paulo, Ano 01, v. 01, n. 01, p. 15-26, 2007.